

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

17 a 24 de junho de 2022 | www.abbc.org.br



Apesar de intenso e tempestivo

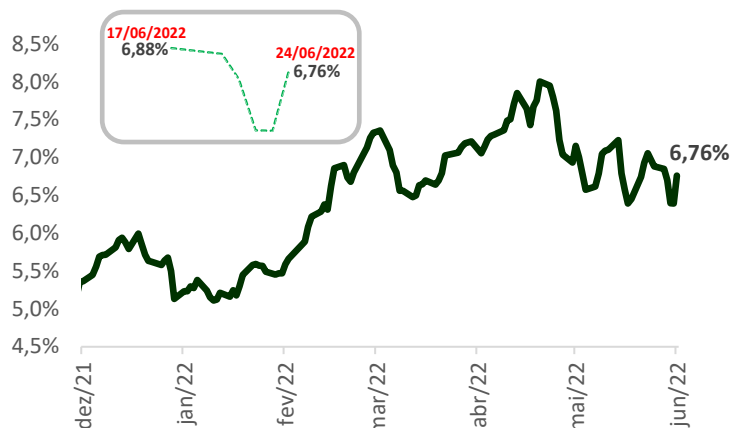
Para o Copom, apesar do ajuste monetário intenso e tempestivo, ainda não se observa o seu efeito contracionista, nem na inflação corrente. Diante deste cenário, a perspectiva de manutenção da taxa básica de juros por um período suficientemente longo não asseguraria, neste momento, a convergência da inflação para o redor da meta. Por isso, sinalizou para o próximo encontro um novo ajuste de igual ou menor magnitude. Um exercício do relatório de inflação mostrou também que com a Selic estável em 13,25% a.a. durante todo o período, as projeções de inflação para 2023 sairiam de 4,0% para 3,7%. Segundo o levantamento de 24/06 do Projeções Broadcast, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB em 2022 era de 1,50%. Porém, com a surpresa positiva nos números do 1º trimestre e a previsão de nova alta no 2º, o Banco Central revisou a sua projeção de alta de 1,0% para 1,7% no crescimento do PIB em 2022.

Respondendo aos indicadores mais fracos para o sentimento do consumidor e ao relativo alívio nas expectativas inflacionárias de longo prazo nos EUA, houve uma melhora na aversão ao risco. O retorno da T-Note de 10 anos recuou -0,12 p.p. e as principais bolsas internacionais acumularam ganhos. Entretanto, em movimento contrário, localmente, a percepção de piora do risco fiscal elevou o prêmio do CDS de 5 anos em 2,57 bps. na semana, fechando em 286,41 bps.. Este sentimento foi ratificado pelo Banco Central que aumentou de 3,5% a.a. para 4,0% a.a., a taxa de juros neutra da economia. Assim, a taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias exibiu alta de 0,09 p.p., fechando em 13,72% a.a., enquanto o real recuou -1,74% no encerramento da semana, cotado a R\$/US\$ 5,24. A dinâmica negativa para a inflação foi explicitada no IPCA-15 de junho, com a média dos núcleos acompanhados pela autoridade monetária passando de 10,14% a.a. em mai/22 para 10,43% a.a.. Apesar do seu bom desempenho, a arrecadação acumulada em 12 meses, em termos reais, encerrou maio em 12,6% a.a. ante 16,2% a.a. em abr/22, apontando redução da expansão desde fev/22. O Monitor do PIB da FGV apontou crescimento de 0,3% em abr/22, desacelerando frente a alta de 1,5% em mar/22 e de 1,4% em fev/22, na série livre de influências sazonais.

Para a semana serão destaques a divulgação do RTI, IGP-M, PNAD- Contínua, CAGED, Balança Comercial, Resultado Primário do governo, Nota de Política Fiscal, PCE e indicadores de atividade nos EUA.

Expectativas

Inflação Implícita



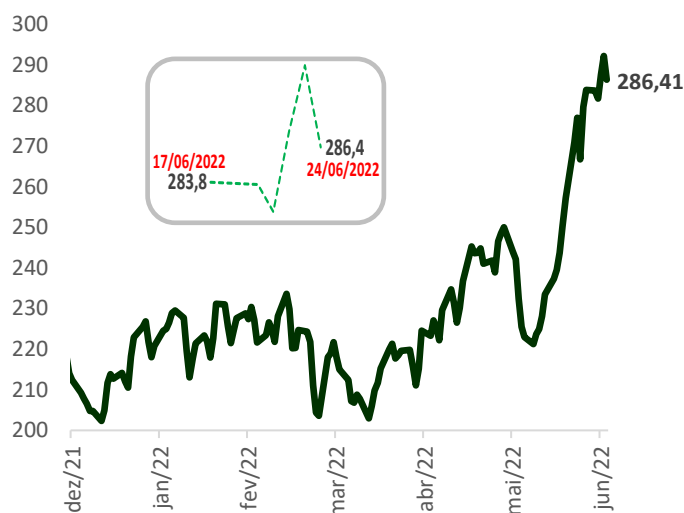
Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

Segundo o levantamento de 24/06 do Projeções Broadcast, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB em 2022 apresentou incremento de 0,10 p.p., em relação à pesquisa de 17/06 para 1,50%. Entretanto, dados parciais do relatório de inflação do Banco Central revisaram a sua projeção de alta de 1,0% nas 2 últimas edições para 1,7% no crescimento do PIB em 2022. A surpresa positiva no PIB do 1º trimestre e a previsão de nova alta no 2º elevam o carregamento estatístico para o ano. Para 2023, por sua vez, houve recuo de -0,10 p.p. para 0,50%, permanecendo estável em 1,70% para 2024.

Com o arrefecimento das pressões sobre os preços dos alimentos e as prováveis medidas para os preços de combustíveis, a mediana das estimativas de mercado para o IPCA em 2022 recuou -0,08 p.p. para 8,42%, enquanto para 2023, a mediana das estimativas permaneceu estável em 5,00% nesta edição, já superando o teto da meta de inflação de 4,75%. Para 2024 houve aumento de 0,25 p.p. para 3,25%. Entre os dias 17/06 e 24/06, houve queda nos prêmios de risco nas negociações de títulos públicos, de modo que a inflação implícita no prazo de 1 ano recuou -0,12 p.p. para 6,76% e -0,23 p.p. no prazo de 2 anos para 6,65%, permanecendo em 7,50% a.a. no fim de 2024. Já as estimativas intermediárias para a taxa de câmbio sinalizaram estabilidade em US\$/R\$5,05 ao término deste ano e em US\$/R\$ 5,10 ao final de 2023 e 2024.

Aversão ao Risco

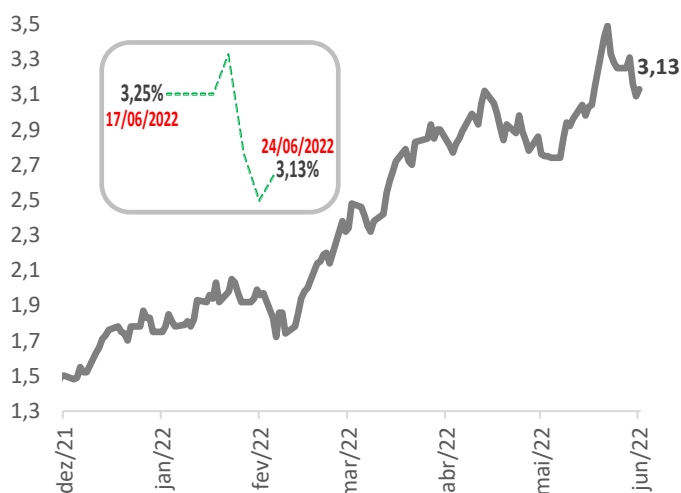
Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



A despeito do temor de uma recessão global desencadeado pelo início do ciclo de aperto monetário mundial, as cotações dos ativos de risco tiveram uma recuperação na última semana. A melhora respondeu aos indicadores mais fracos para o sentimento do consumidor nos EUA na pesquisa da Universidade de Michigan. Ademais, as expectativas para a inflação em 12 meses nos EUA permaneceram em 5,3%, mas para o horizonte de 5 anos subiram de 3,0% em mai/22 para 3,1% em junho.

Assim, as principais bolsas internacionais acumularam ganhos no período, com destaque para a Nasdaq (7,5%), S&P (6,4%), Dow Jones (5,4%) e Nikkei (2,0%). Por aqui, a Bovespa recuou -1,2%, mantendo-se abaixo dos 100 mil pontos. Já o rendimento do T-Note de 10 anos caiu -0,12 p.p. na semana, para 3,13% a.a..

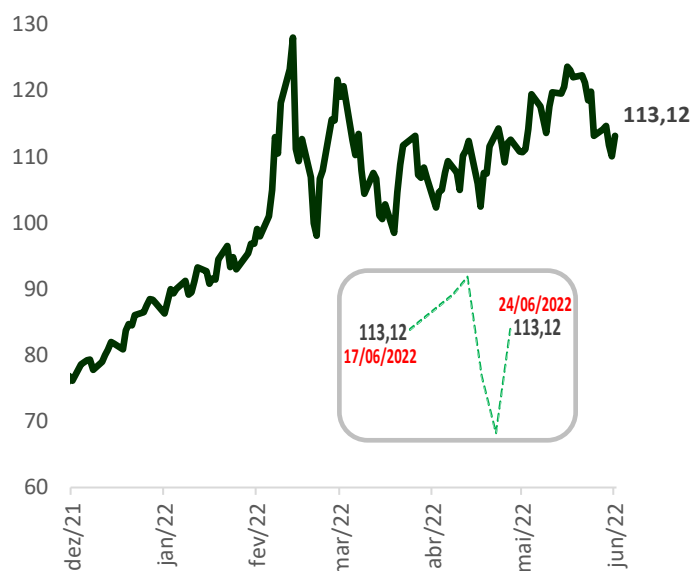
T-Note de 10 anos (a.a.)



Em movimento contrário à redução internacional da aversão ao risco, os prêmios dos ativos de risco foram impactados pelas incertezas quanto ao arcabouço fiscal, não só as originadas pelo encaminhamento da proposta de medidas tributárias sobre os preços de combustíveis, energia elétrica e telecomunicações, mas também a ampliação do Auxílio Brasil e de outros auxílios sociais.

Ao contrário do movimento verificado em alguns pares emergentes como: África do Sul (-11,6 bps.), Chile (-3,49 bps) e China (-7,27 bps), o risco soberano brasileiro, calculado pelo prêmio do CDS de 5 anos, avançou 2,57 bps. na semana, fechando a 286,41 bps.. A percepção de piora do risco fiscal foi ratificada pelas informações do Banco Central que elevaram de 3,5% a.a. para 4,0% a.a., a taxa de juros neutra da economia.

Petróleo Brent última cotação US\$

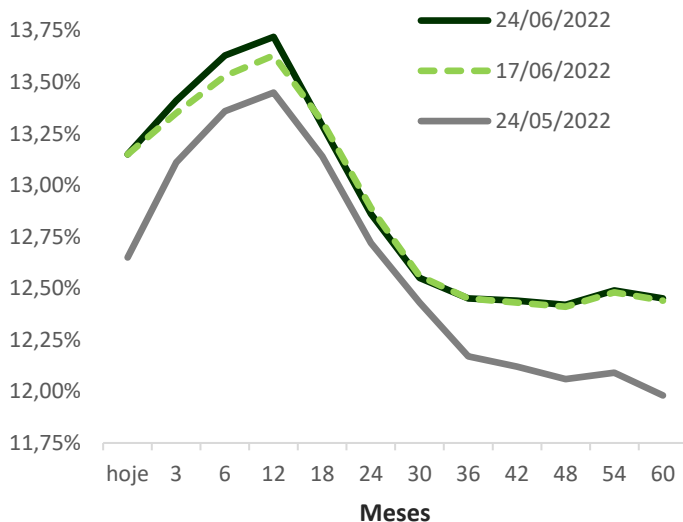


No mercado de *commodities*, apesar da desaceleração dos juros e do recuo do dólar no mercado global, os temores com uma possível desaceleração relevante da demanda, com uma eventual recessão, influenciaram nas cotações.

O barril do petróleo tipo Brent, após atingir a mínima de US\$ 110,05 no dia 23/06 (quinta-feira), encerrou a semana em estabilidade, em US\$ 113,12. As cotações tiveram alívio com a retomada das negociações do acordo nuclear com o Irã, mas com pressões advindas com as restrições na oferta no Equador. Porém, os preços devem continuar em patamares estruturalmente elevados nos próximos meses devido a oferta global apertada e os riscos sobre a produção.

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (a.a.)



Mesmo com a deterioração na percepção para o risco fiscal e uma leitura desfavorável na composição do IPCA-15, cujos núcleos e inflação subjacente seguem pressionados, a Estrutura a Termo das Taxas de Juros encerrou a semana com inclinação praticamente inalterada. Na semana, o CMN definiu a meta de inflação de 2025 em 3% e ratificou, também em 3%, o objetivo anteriormente estabelecido para 2024.

Com esse quadro, a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias exibiu alta de 0,09 p.p., fechando a semana em 13,72% a.a.. A taxa de juros do prazo de 24 meses reduziu-se em -0,03 p.p. para 12,86% a.a. e a de 36 meses permaneceu estável em 12,45% a.a.. Enquanto a dos vértices de 48 e 60 meses tiveram alta de 0,01 p.p., cada, para 12,42% a.a. e 12,45% a.a., respectivamente.

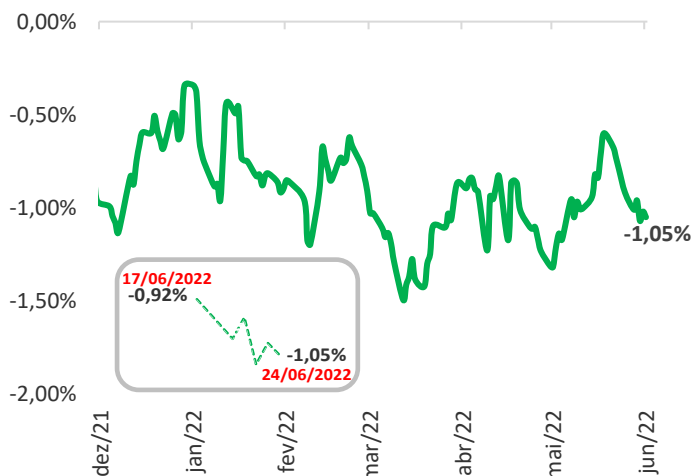
Swap DI Pré- 360 dias (a.a.)



Já o *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos, apurado pelos rendimentos divulgados pela Anbima com base na negociação dos títulos públicos, cedeu -0,05 p.p., para o patamar de -0,67 p.p., no encerramento do dia 24/06. De acordo com os dados disponíveis na B3 e referentes ao mercado futuro de juros, este *spread* recuou -0,13 p.p. para -1,05 p.p., no encerramento da semana.

Spread da Taxa de Juros

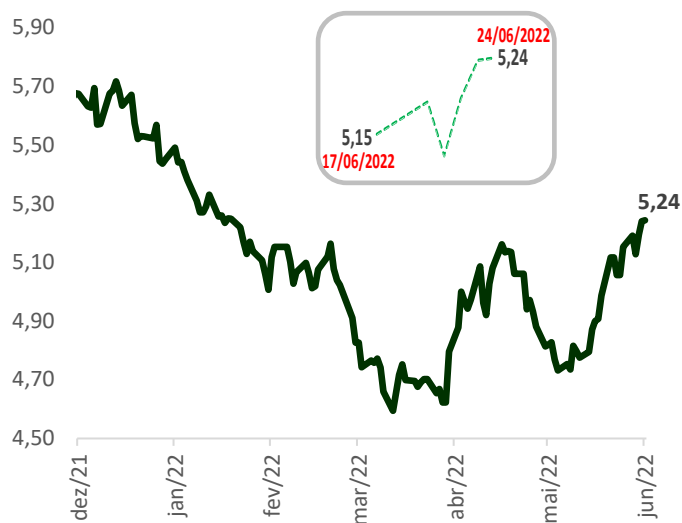
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

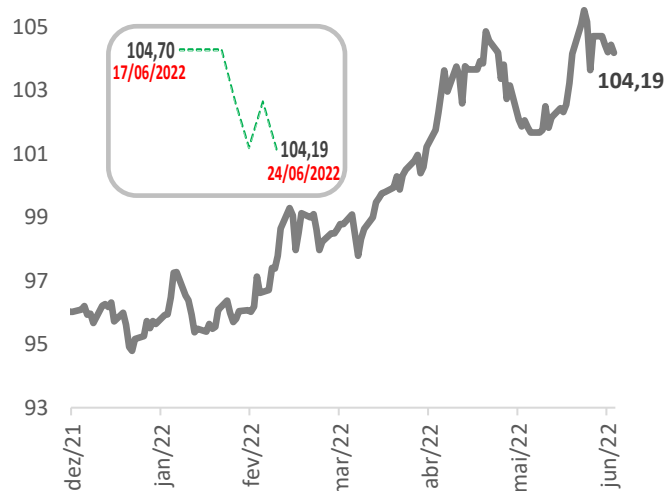
Câmbio

Real/US\$



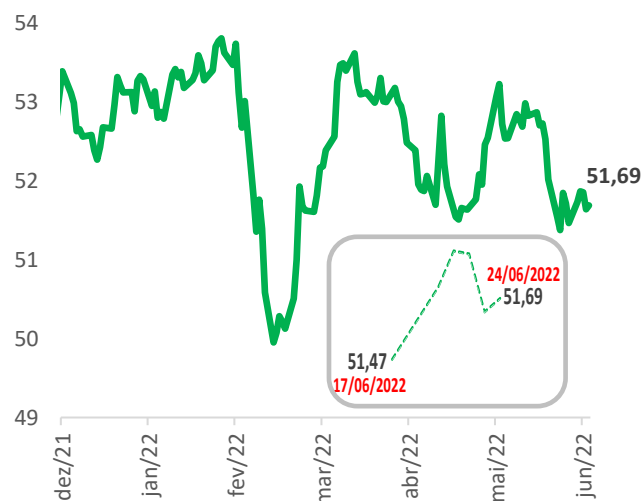
O dólar voltou a perder força nos mercados globais, em um movimento de ajuste, ancorado no aumento dos temores de uma recessão nos EUA e nas declarações de dirigentes do Fed reforçando a postura *hawkish* do BC. Apesar da manutenção das expectativas de um aperto monetário mais célere, dados de atividade econômica mais fracos influenciaram os negócios. O índice de confiança do consumidor norte-americano atingiu o menor nível em 45 anos, ao cair abaixo de 50 pts.. Já as expectativas inflacionárias se mantiveram em níveis preocupantes, continuando a ameaçar a sua desancoragem a longo prazo.

Dollar Index



Assim, o índice DXY - que mensura o desempenho do dólar ante seus pares - encerrou em 104,19 pontos, com retração de -0,49% na semana, influenciado pelas apreciações de 0,5% no euro e de 0,2% na libra esterlina. Da mesma forma, o índice que mede a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar avançou 0,44% na semana, espelhando as apreciações de 2,3% no peso mexicano e na lira turca e de 0,40% no renminbi. Em sentido contrário, destaque para a depreciação de -4,8% no peso chileno.

Índice de Emergentes*



Destoando ao índice dos seus pares emergentes, o real recuou 1,74% no encerramento da semana, cotado a R\$/US\$ 5,24. Pesaram sobre o real as incertezas no âmbito fiscal, originadas pelos ruídos produzidos pelas medidas em discussão para atenuar o impacto da alta nos preços dos combustíveis e pela expectativa de novos auxílios. O Banco Central vendeu hoje o total de até 15.000 contratos (US\$ 750 milhões) de *swap* cambial tradicional, em leilão que dá continuidade à rolagem de vencimentos programados para agosto. Os vencimentos se dividem entre 02/01/2023 e 02/05/2023.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Ata Copom – Jun/22

Cenário Básico Projeções de Inflação do Copom			
	2022	2023	2024
	Cenário de Referência		
Câmbio R\$/US\$ *	R\$ 4,90	R\$ 4,90	R\$ 4,90
Selic %	13,25%	10,00%	7,50%
Preços Administrados	7,00%	6,30%	3,30%
Inflação Cenário Alternativo**	8,80%	4,00%	2,70%

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura de mercado até o fim de 2022, terminando o ano em USD100/barril e passando a aumentar 2% ao ano a partir de janeiro de 2023

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

A Ata do Copom indicou que a reprecificação da política monetária nos países avançados, conjugada com o aumento da aversão a risco, eleva a incerteza e gera volatilidade, apertando os indicadores de condições financeiras. Adicionalmente, destacou o crescimento acima do esperado, por causa do maior consumo com a normalização da economia, a utilização do excesso de poupança acumulado e o estímulo fiscal efetuado no 1º semestre do ano. A inflação ao consumidor continuaria surpreendendo negativamente, tanto em componentes mais voláteis como na inflação subjacente. Dessa forma, diagnosticou-se uma deterioração na dinâmica inflacionária de curto e longo prazo.

Dados preliminares do Relatório de Inflação (RTI) mostraram um crescimento de 1,7% em 2022, enquanto a antecipação da divulgação da projeção do IPCA de 2024, não significou a extensão do horizonte relevante, mas sim uma ação de maior transparência. A elevação da Selic em 0,50 p.p. para 13,25% a.a. teria sido compatível com a estratégia de convergência ao redor da meta, que incluiria 2023, conjugando uma taxa de juros terminal acima da utilizada e a sua manutenção em território significativamente contracionista por um período mais prolongado do cenário de referência. Um exercício do RTI mostrou também que com a Selic estável em 13,25% a.a. durante todo o período, as projeções de inflação para 2023 cairiam em 0,3 p.p..

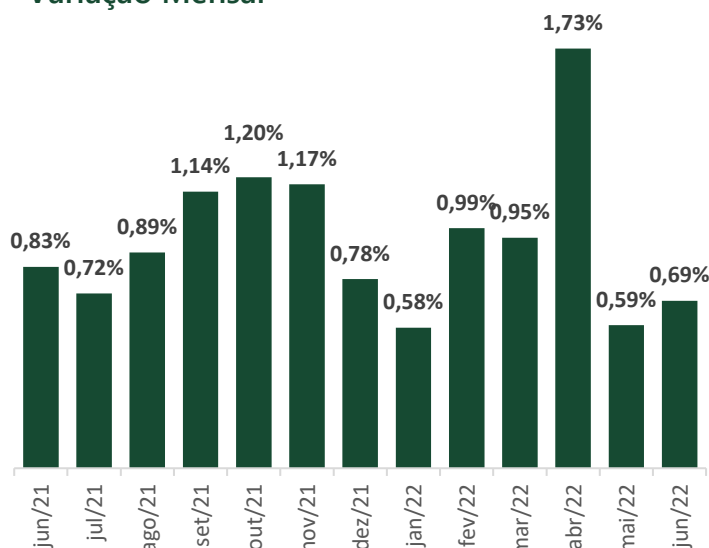
O cenário de referência com a trajetória para a Selic extraída da pesquisa Focus indicava taxa de 13,25% a.a. ao término de 2022, reduzindo-se para 10,0% a.a. em 2023 e 7,50% a.a. em 2024. A taxa de câmbio saía de R\$/US\$ 4,90, evoluindo segundo a PPC. O preço do petróleo seguiria aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, terminando o ano em US\$110/barril, e passando a aumentar 2% a.a. a partir de jan/23.

Além disso, adotou-se a premissa de bandeira tarifária "amarela" em dezembro de 2022, de 2023 e de 2024. Com isso, as projeções de inflação do Copom situavam-se em 8,8% para 2022 (8,5% na Focus), 4,0% para 2023 (4,7% na Focus) e 2,7% para 2024 (3,25% na Focus). Lembrando que os números não contemplaram o impacto das medidas tributárias sobre preços de combustíveis, energia elétrica e telecomunicações que reduziram sensivelmente a inflação corrente, embora elevando, em menor magnitude, a inflação no horizonte relevante.

Apesar do ajuste intenso e tempestivo, ainda não se observa o seu efeito contracionista, nem na inflação corrente. A expectativa é de que a atividade deva desacelerar no 2º semestre quando os impactos defasados da política monetária se fizerem mais presentes. Ademais, há a possibilidade de uma reversão parcial do aumento dos preços de commodities internacionais em reais. Diante deste cenário, a perspectiva de manutenção da taxa básica de juros por um período suficientemente longo não asseguraria, neste momento, a convergência da inflação para o redor da meta no horizonte relevante. Assim, para a próxima reunião, a ata do Copom sinalizou um novo ajuste de igual ou menor magnitude que seria mais adequado para a ancoragem das expectativas de prazos mais longos.

IPCA - 15 - Jun/22

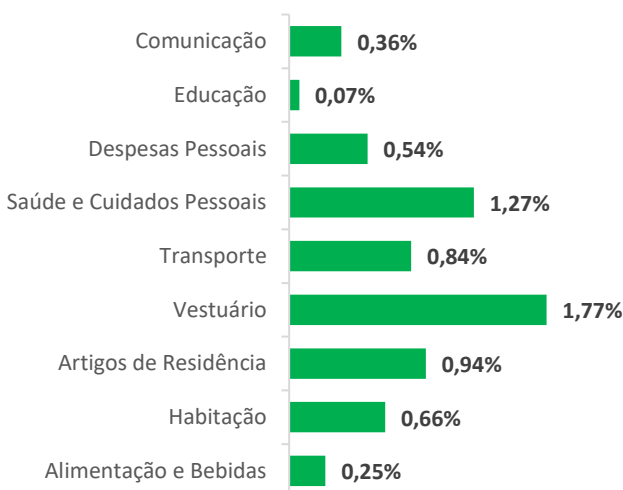
Variação Mensal



Ratificando o balanço de riscos negativo para a inflação, o que vem acarretando sucessivas revisões nas expectativas de inflação, o IPCA-15 superou o consenso das expectativas de mercado, acelerando a sua elevação de 0,59% em mai/22 para 0,69% em junho. O seu ritmo de expansão desacelerou de 12,20% a.a. em mai/22 para 12,04% a.a., devendo permanecer acima de 2 dígitos pelo menos até outubro.

Embora a inflação tenha se mostrado um pouco menos disseminada, com o arrefecimento mais expressivo nos preços de alimentação no domicílio e bens industriais, e em menor intensidade, em serviços, as principais medidas continuam em níveis muito superiores às metas estabelecidas.

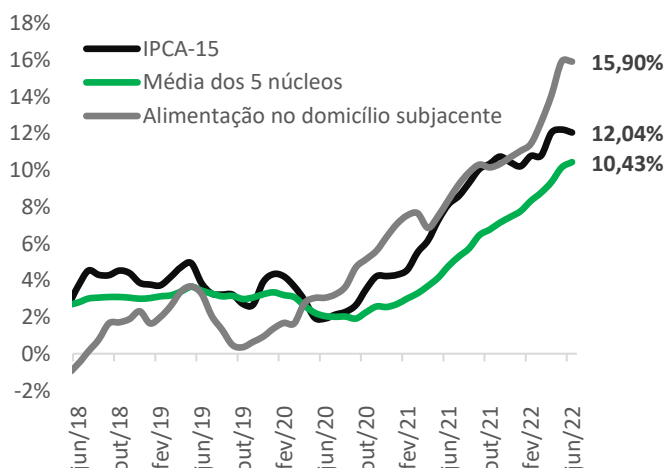
Variação Mensal Abertura IPA



No mês, houve aumento em todos os grupos de produtos e serviços, com destaque novamente para o de Transportes, que embora a variação mensal saísse de 1,80% para 0,84%, exerceu o maior impacto no índice total (0,19 p.p.), respondendo aos aumentos nos preços das passagens aéreas (11,36%), seguro voluntário de veículo (4,20%) e no emplacamento e licença (1,71%). Em contrapartida, houve deflação em combustíveis (-0,55%), sobretudo etanol (-4,41%) e gasolina (-0,27%), enquanto óleo diesel avançou 2,83%.

Com impacto de 0,16 p.p., o grupo Saúde e Cuidados Pessoais registrou alta de 1,27% no mês (2,19% em mai/22), refletindo os reajustes autorizados pela ANS de até 15,5% nos planos de saúde. No segmento influenciou ainda a alta de 1,38% nos produtos farmacêuticos, com impacto de 0,05 p.p.. Já Alimentação e bebidas desacelerou para 0,25%, após subir 1,52% em maio.

Evolução Anual

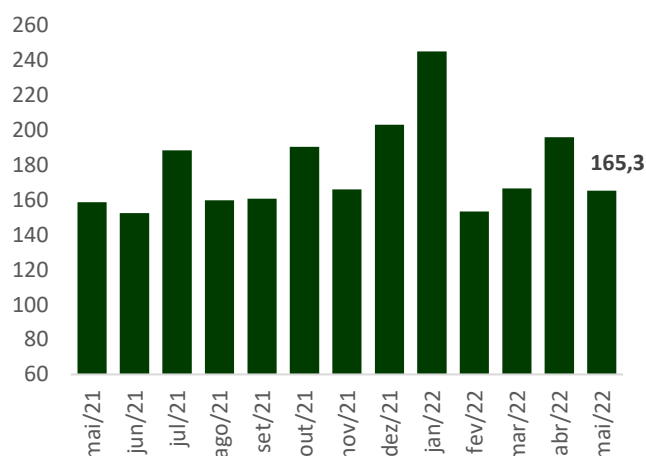


Adicionalmente, observam-se pressões nos itens relacionados à inflação subjacente, com as diversas medidas afastando-se ainda mais das metas: 15,90% a.a. em alimentação, 12,97% a.a. em industriais e 8,71% a.a. em serviços. Em linha, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central (EX-0, EX-3, MS, DP e P55) acelerou, passando de 10,14% a.a. em mai/22 para 10,43%. Por fim, o índice de difusão, que reflete o percentual de itens em alta no mês, retraiu de 74,93% em maio para 68,94% (65,67% em jun/21), mantendo-se elevado, evidenciando uma inflação ainda espalhada pela economia.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

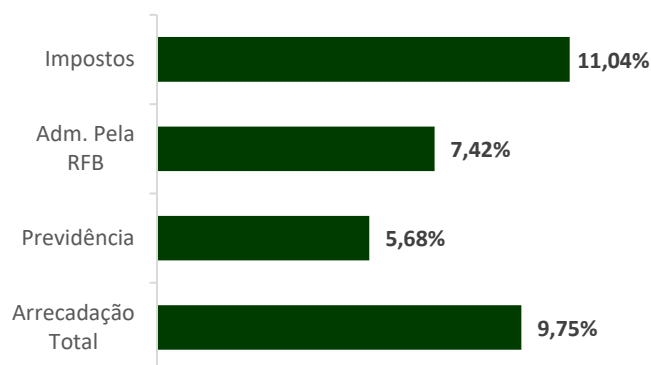
Arrecadação Federal - Abr/22

Arrecadação no Mês Em R\$ bilhões



Em maio, a Arrecadação Federal continuou apresentando desempenho positivo, sob os impactos da variação cambial, aumento do volume da produção de petróleo e da cotação do barril, bem como da melhora no ritmo de atividade doméstica. Assim, a Receita Federal arrecadou R\$ 165,3 bilhões via impostos e previdência, ante R\$ 195,1 bilhões no mês anterior e R\$ 142,1 bilhões em mai/21. Esse foi o melhor desempenho para o mês pelo menos desde o início do Plano Real, em 1994. Em termos reais, o resultado ficou 4,1% acima do valor arrecadado no mesmo mês de 2021.

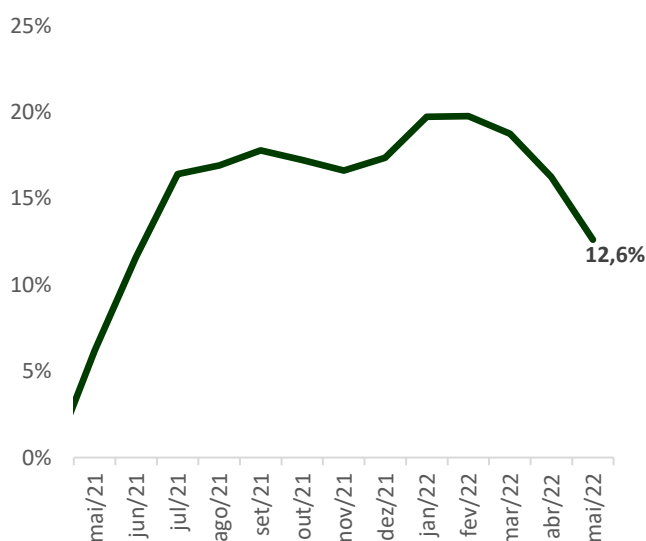
Variação Real Acumulada no Ano Janeiro a maio – deflacionada pela IPCA



O resultado mensal refletiu a alta de 12,8% no Imposto sobre Importação (IPI) e de 1,7% na arrecadação da contribuição previdenciária, fruto do aumento da massa salarial e do crescimento dos recolhimentos efetuados pelas empresas pelo Simples Nacional. Já o acréscimo no recolhimento do IRRF (276,0%) deveu-se à elevação da Meta Selic, o que influenciou os recolhimentos dos rendimentos dos fundos e títulos de renda fixa.

Considerando a evolução dos primeiros cinco meses do ano, em relação ao mesmo período de 2021, houve um acréscimo de 9,8% da arrecadação federal que totalizou R\$ 926,6 bilhões, contabilizado em termos reais, distribuídos em 11,0% dos impostos, 7,4% da receita administrada pelo RFB e 5,8% em previdência. Na mesma base comparativa, no período, destaques para as altas de 70,3% do recolhimento da CIDE sobre os combustíveis, de 49,0% do Imposto de Renda retido na fonte sob ganhos de capitais, 29,7% do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), 26,8% em CSLL e de 15,8% para IRPJ. Por outro lado, houve retrações de -17,8% para os impostos sobre as importações e de -15,7% no IPI, este último impactado pelas reduções nas alíquotas em vários produtos.

Variação Real Anual Acumulada em 12 meses – deflacionada pelo IPCA

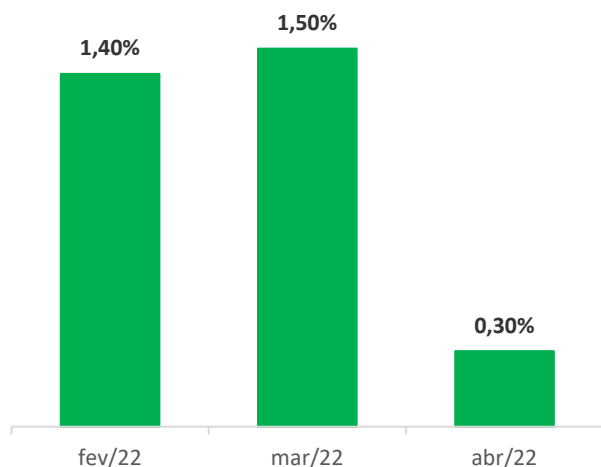


Apesar do bom desempenho do saldo de arrecadação, a variação anual da arrecadação acumulada em 12 meses, em termos reais, encerrou maio em 12,6% a.a. ante 16,2% a.a. em abr/22 e 18,7% aa.a. em mar/22, o que aponta para desaceleração da trajetória de alta observada até fev/22.

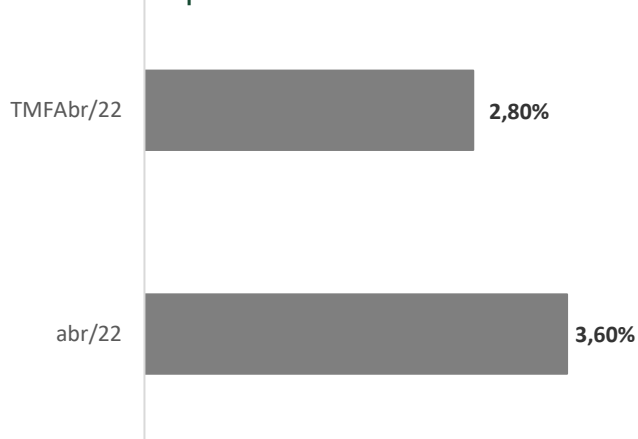
Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

Monitor do PIB - Abr/22

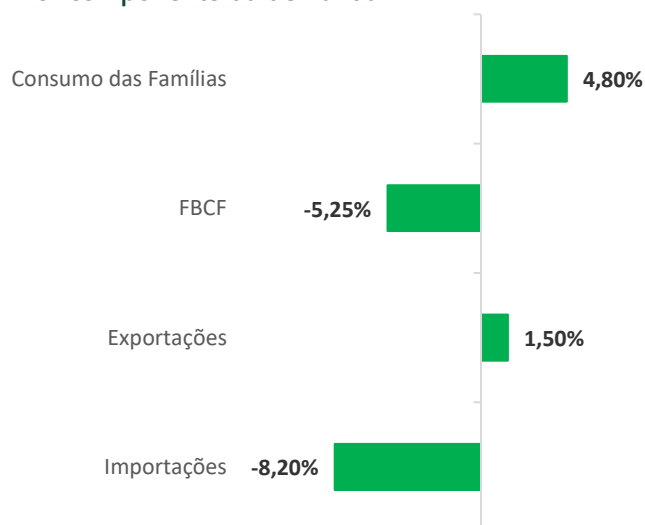
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Contra mesmo período do ano anterior



Variação Anual – Trimestre Móvel Findo em Abr/22 Por componente da demanda



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

O Monitor do PIB, elaborado pela FGV, apontou crescimento de 0,3% em abr/22, desacelerando fortemente, frente a alta de 1,5% em mar/22 e de 1,4% em fev/22, na série livre de influências sazonais. Na comparação interanual, a economia cresceu 3,6% no mês e 2,8% no trimestre móvel findo em abril. Com um panorama melhor do que o aguardado, esse foi o 3º aumento consecutivo no ano, mesmo diante de um contexto negativo de inflação e juros elevados.

Pela ótica da oferta, o monitor destaca uma recuperação de 0,9% na atividade agropecuária, na margem, após registrar 4 meses consecutivos em queda. Enquanto a indústria apresentou expansão de 2,3% na comparação com o mês anterior. Apenas o segmento de bens duráveis apontou retração no mês. O setor de serviços, por sua vez, registrou queda de 0,8% em relação a março, respondendo à percepção de que esteja mais próximo do processo de normalização. Os principais destaques negativos foram do comércio e transportes.

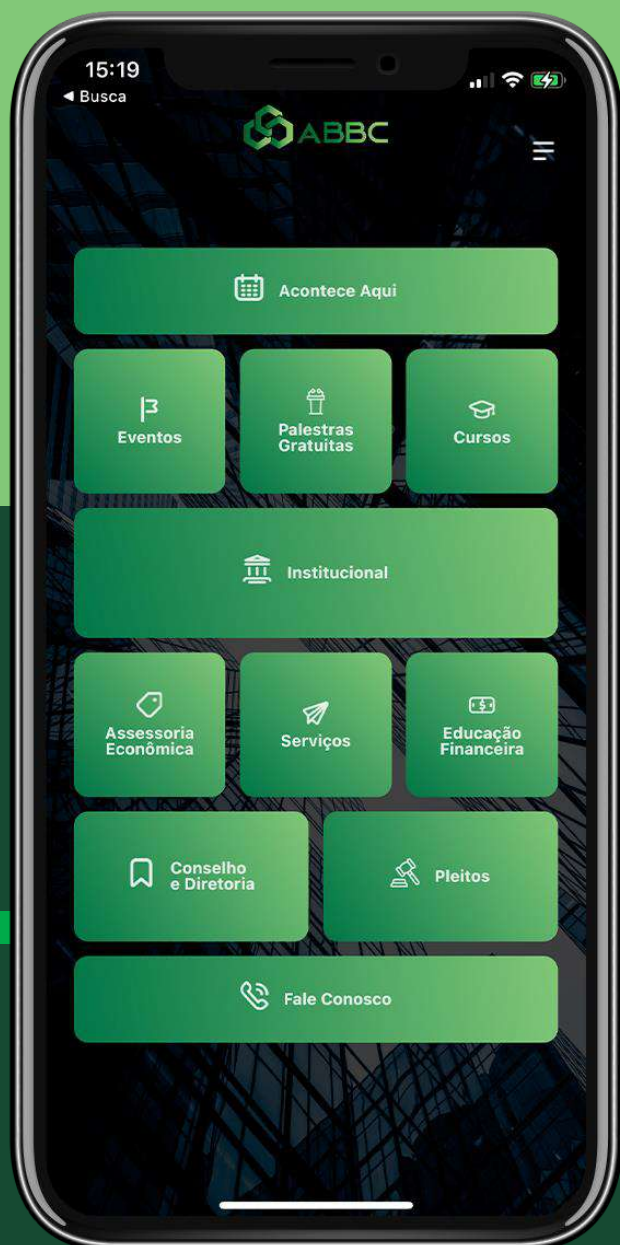
Pela ótica da demanda, o consumo das famílias cresceu 4,8% no trimestre móvel findo em abr/22, em relação ao mesmo período do ano passado, impulsionado pelo retorno do trabalho presencial e pela reocupação de bares, cinemas e restaurantes, após o afrouxamento das medidas de isolamento social. O único componente do consumo das famílias a apresentar queda foi o consumo de duráveis que caiu -1,6% na comparação de abril em relação a março, como reflexo dos juros e preços altos que constrange o consumo desses itens mais caros. Já o consumo de semiduráveis teve avanço, de 1,9%, seguido pelos serviços (0,6%) e os não duráveis (0,3%). O consumo das famílias segue beneficiado por medidas de estímulo temporárias, como a antecipação do 13º para segurados do INSS e o calendário de liberação da nova rodada de saques do FGTS que vai de abril a junho.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), entretanto deu sinais de alerta, ao registrar retração de -5,25% no trimestre móvel findo em abr/22, na comparação com o mesmo período de 2021, influenciada pelo forte recuo de máquinas e equipamentos (-10,7%) que apresenta taxas negativas desde o início de 2022. Com o elevado nível de incerteza, juros e inflação em patamares elevados, que naturalmente desestimula o investimento, é difícil imaginar uma reação para os investimentos no curto prazo. A exportação de bens e serviços apresentou crescimento de 1,5% no trimestre móvel findo em abril na comparação ao mesmo período do ano passado, com a redução da contribuição das exportações de bens intermediários, de bens de consumo e de produtos agropecuários. Do lado da importação de bens e serviços houve retração de -8,2%, na mesma métrica, em comparação ao mesmo período do ano passado, influenciada principalmente pelo desempenho negativo na importação de bens intermediários (-14,5%).

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	0,6
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	9,1	4,4
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	9,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	67,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	61,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,05	5,05
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,2	-0,3
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,9	-5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,9	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,9	80,6

Fonte: ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688